

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE QUANDO É DIA DE FUTEBOL

PESQUISA E SELEÇÃO DE TEXTOS

Luis Mauricio Graña Drummond

Pedro Augusto Graña Drummond

POSFÁCIO

Juca Kfouri

COMPANHIA DAS LETRAS

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
warrakloureiro sobre fotografia
de Popperfoto/ Getty Images

FOTO DO AUTOR
Retrato de Carlos Drummond de Andrade
pertencente ao Arquivo-Museu
de Literatura Brasileira da Fundação
Casa de Rui Barbosa, 1978

PREPARAÇÃO
Márcia Copola

REVISÃO
Marina Nogueira
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Quando é dia de futebol / Carlos Drummond
de Andrade; pesquisa e seleção de textos Luis Mauricio
Graña Drummond, Pedro Augusto Graña Drummond;
posfácio Juca Kfouri. — 1^a ed. — São Paulo: Companhia
das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2384-1

i. Poesia brasileira i. Drummond, Luis Mauricio Graña.
ii. Drummond, Pedro Augusto Graña. iii. Kfouri, Juca.
iv. Título. v. Série.

13-13779

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

i. Poesia: Literatura brasileira 869.91

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

QUANDO É DIA DE FUTEBOL

- 13 Futebol
- 14 Enquanto os mineiros jogavam

A GRANDE ILUSÃO • SUÍÇA 54

- 19 Mistério de bola

O DIVINO CANECO • SUÉCIA 58

- 23 De 7 dias
- 25 Celebremos
- 27 Situações
- 28 Calma, torcedor
- 30 Em cinza e em verde

NA RAÇA OU NA GRAÇA • CHILE 62

- 35 Seleção de ouro
- 37 Garoto
- 38 Saque
- 39 No elevador

TAÇA DE AMARGURAS • INGLATERRA 66

- 43 Voz geral
- 45 Milagre da Copa
- 46 A seleção
- 48 Concentração nacional
- 50 O importuno
- 52 Jogo à distância
- 55 Aos atletas
- 58 A semana foi assim

VENCER COM HONRA E GRAÇA • MÉXICO 70

- 63 Entrevista solta
- 64 Com camisa, sem camisa
- 67 Do trabalho de viver
- 68 Carta sem selo
- 69 Prece do brasileiro
- 72 Copa do Mundo de 70
- 76 Em preto e branco
- 77 Seleção, eleição
- 80 “Falou e disse”
- 82 Solucionática
- 83 Solução
- 84 Parlamento da rua

ESPERANÇAS PICADAS • ALEMANHA 74

- 89 A voz do Zaire
- 90 Sermão da planície (para não ser escutado)
- 93 De bola e outras matérias
- 95 O leitor escreve
- 97 Anúncio na camisa

QUE IMPORTA O NÃO-TER-SIDO? • ARGENTINA 78

- 103 Brasil vitorioso na Copa terá solução democrática
- 104 Foi-se a Copa?
- 105 O locutor esportivo
- 106 O torcedor

A HORA DURA DO ESPORTE • ESPANHA 82

- 111 Balanço atrasado
- 112 Variações em tempo de Carnaval
- 113 Explosão
- 114 Copa

- 115 O leitor escreve
- 116 O rio enfeitado
- 117 O incompetente na festa
- 120 Entre céu e terra, a bola
- 123 Perder, ganhar, viver

SEM REVOLTA E SEM PRANTO • MÉXICO 86

- 129 Futuro
- 130 Copa
- 131 Copa

PELÉ, O MÁGICO

- 135 Os pais de Pelé
- 136 Pelé: 1000
- 138 Dezembro, isto é, o fim
- 139 Despedida
- 141 Bolsa de ilusões
- 142 Letras louvando Pelé
- 144 Nomes

GARRINCHA, O ENCANTADOR

- 147 Na estrada
- 149 O mainá
- 151 O outro lado dos nomes
- 152 Mané e o sonho

UM PUNHADO DE NOTÍCIAS

- #### ESSE OUTRO GOL DO BRASIL
- 167 A João Condé
 - 168 Craque

- 169 Telefone cearense
- 170 Helena, de Diamantina
- 171 Declaração de escritores
- 172 O latim está vivo
- 173 Gol na academia
- 174 Bate-palmas
- 175 Rebelo: sarcasmo e ternura
- 176 Nomes
- 177 De vários assunto
- 178 Celo
- 179 Gomide
- 180 Futebol

- 181 Posfácio
As palavras mais sublimes do futebol,
JUCA KFOURI
- 187 Leituras recomendadas
- 188 Cronologia
- 194 Índice remissivo

FUTEBOL

Futebol se joga no estádio?
Futebol se joga na praia,
futebol se joga na rua,
futebol se joga na alma.
A bola é a mesma: forma sacra
para craques e pernas de pau.
Mesma a volúpia de chutar
na delirante copa-mundo
ou no árido espaço do morro.
São voos de estátuas súbitas,
desenhos feéricos, bailados
de pés e troncos entrançados.
Instantes lúdicos: flutua
o jogador, gravado no ar
— afinal, o corpo triunfante
da triste lei da gravidade.

In *Poesia errante*

ENQUANTO OS MINEIROS JOGAVAM

Domingo, à tarde, na forma do antigo costume, eu ia ver os bichos do Parque Municipal (cansado de lidar com gente nos outros dias da semana), quando avistei grande multidão parada na avenida Afonso Pena. Meu primeiro pensamento foi continuar no bonde; o segundo foi descer e perguntar as causas da aglomeração. Desci, e soube que toda aquela gente estava acompanhando, pelo telefone, o jogo dos mineiros na capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam uma patriótica emoção.

Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrícios, depois de encerrado o expediente, isto é, depois de terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletos, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou se espanto pelos valentes chutadores de Minas, que surraram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses.

Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do *center-half* investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação.

Para mim, o melhor jogador do mundo, chutando fora do meu campo de visão, deixa-me frio e silencioso.

Os meus patrícios, porém, rasgaram-se anteontem de gozo, imaginando os tiros de Nariz, e sentiram na espinha o frio clásico da emoção, quando o telefone anunciou que Carlos Brant, machucando-se no joelho, deixara o combate. Alguns pensaram em comprar iodo para o herói e outros gritavam para Carrasco que não chutasse fora. A centenas de quilômetros, eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamasse contra o juiz, acusando-o de venal. Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado, e declarou-me: "O senhor está vendo que pouca-vergonha. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada". Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade; vi apenas a multidão de cabeças e de entusiasmos; e fugi.

Minas Gerais, 20-21/07/1931

*

COISAS QUE VOCÊ DEVE FAZER — Veja o jogo pela voz do maior locutor especializado.

A GRANDE ILUSÃO
Suíça 54

*O mérito da derrota consiste em isentar o derrotado
de qualquer responsabilidade de vitória.*

“Quando Bauer, o de pés ligeiros, se apoderou da cobiçada esfera, logo o suspeitoso Naranjo lhe partiu ao encalço, mas já Brandãozinho, semelhante à chama, lhe cortou a avançada. A tarde de olhos radiosos se fez mais clara para contemplar aquele combate, enquanto os agudos gritos e imprecações em redor animavam os contendores. A uma investida de Cárdenas, o de fera catadura, o couro inquieto quase se foi depositar no arco de Castilho, que com torva face o repeliu. Eis que Djalma, de aladas plantas, rompe entre os adversários atônicos, e conduz sua presa até o solerte Julinho, que a transfere ao valoroso Didi, e este por sua vez a comunica ao belicoso Pinga. A essa altura, já o cansaço e o suor chegam aos joelhos dos combatentes, mas o Atrida enfurecido, como o leão que, fiado na sua força, colhe no rebanho a melhor ovelha, rompendo-lhe a cerviz e despedaçando-a com fortes dentes, para em seguida sorver-lhe o sangue e as entranhas — investe contra o desprevenido Naranjo e atira-o sobre a verdejante relva calcada por tantos pés celestes. Os veleiros Torres, Lamadrid e Arellano quedam paralisados, tanto o pálido temor os domina; e é quando o divino Baltasar, a quem Zeus infundiu sua energia e destreza, arremete com a submissa pelota e vai plantá-la, como pomba mansa, entre os pés do siderado Carbajal...”

Assim gostaria eu de ouvir a descrição do jogo entre brasileiros e mexicanos, e a de todos os jogos: à maneira de Homero. Mas o estilo atual é outro, e o sentimento dramático se orna de termos técnicos. Mesmo assim, quando o cronista especializado informa que o Botafogo “não estava numa tarde de grande inspiração” ou que Zizinho “se desempenhou com o seu habitual talento”, fico imaginando que há no futebol valores transcendentais, que nós, simples curiosos, não captamos, mas que o bom torcedor vai intuindo com a argúcia apurada em uma longa educação da vista.

Confesso que o futebol me aturde, porque não sei chegar até o seu mistério. Entretanto, a criança menos informada o possui. Sua magia opera com igual eficiência sobre eruditos e simples, unifica e separa como as grandes paixões coletivas. Contudo, essa é uma paixão individual mais que todas.

Cada um tem sua maneira própria de avaliar as coisas do gramado, e onde este vê a arte mais fina, outro apenas denuncia a barbeiragem ou talvez um golpe ignominioso. Pelo nosso clube fazemos o possível, e principalmente o impossível. O jogador nos importa menos que suas cores, e se muda de camisa pode baixar em nossa estima, à revelia de toda justiça.

A estética do torcedor é inconsciente; ele ama o belo através de movimentos conjugados, astuciosos e viris, que lhe produzem uma sublime euforia, mas se lhe perguntam o que sente, exprimirá antes uma emoção política. Somos fluminenses ou vascos pela necessidade de optar, como somos liberais, socialistas ou reacionários. Apenas, se não é rara a mudança do indivíduo de um para outro partido, nunca se viu, que eu saiba, torcedor de um clube abandoná-lo em favor de outro.

Finalmente, a grande ilusão do gol confere alta dignidade à paixão popular, que não visa a um resultado positivo e duradouro no plano real, mas se satisfaz com uma abstração: vinte e dois homens se atiram uns contra outros, e era de esperar que os mais combativos ou engenhosos, saindo triunfantes, deixassem os demais no campo, arrebentados. Não. O objeto de couro transpõe uma linha convencional, e o que se chama de vitória aparece aos olhos de todos com uma evidência corporal que dispensa a imolação física. Não podemos acusar de primitivismo aos que se satisfazem com este resultado ideal.

Correio da Manhã, 17/06/1954

*

IGUAL-DESIGUAL — *Todos os campeonatos nacionais e internacionais de futebol são iguais.*